

O CARÁTER FORMATIVO DA EDUCAÇÃO FILOSÓFICA COMO REINVENÇÃO DOS CONCEITOS FILOSÓFICOS EM GUILLERMO OBIOLS

FORMATIVE CHARACTER OF PHILOSOPHICAL EDUCATION AS REINVENTION OF THE PHILOSOPHICAL CONCEPTS IN GUILLERMO OBIOLS

Lélio Favacho Braga¹
Universidade Nove de Julho

RESUMO

A presente abordagem versa sobre os pressupostos que norteiam e influenciam o processo de ensino e aprendizagem de Filosofia a partir do pensamento de Guillermo Obiols. O autor observa que o ensino de Filosofia deve contemplar a integralidade de suas teorias, dos seus pressupostos, pois é impossível filosofar sem as ferramentas da Filosofia. O método das aulas deve seguir as características de construção da forma filosófica de conhecimento, por meio de temas que gerem questionamentos. É necessário o exercício da prática epistêmica no ensino dessa disciplina, articulando os conteúdos estabelecidos em sua matriz curricular. O estudo mostrou que é importante não só apreender os pressupostos dos textos de Filosofia, mas também reinventá-los na compreensão basilar de seu ensino, do caráter informativo e do formativo por meio de seus próprios conceitos.

Palavras-chave: Guillermo Obiols. Ensino. Formação. Filosofia.

1 INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que a Filosofia deveria ser ministrada na escola pública levando em conta as experiências de seus conceitos na cultura do indivíduo, seria significativo para o estudante realizar tal experiência em sua formação. O caráter formativo da educação filosófica para o ensino médio deveria consistir no exame de um fecundo direcionamento frente à realidade social do indivíduo.

O processo formativo desvela e conduz o educando ao processo que vai do senso comum à consciência crítica e consiste no dever de todos os professores das disciplinas que fazem parte do currículo de ensino médio, assim como de toda a comunidade escolar. Do contrário, aconteceria um mero repasse de conteúdos e possíveis problemas, como a má interpretação na leitura de sua realidade, inclusive em seu percurso no

¹ Doutorando em Educação, na Linha de Pesquisa Educação, Filosofia e Formação Humana pela Universidade Nove de Julho-UNINOVE/SP. Mestre em Ciência Política, na Linha de Pesquisa Fundamentos da Teoria Política e Métodos pela Universidade Federal do Pará/UFPA. Especialista em Filosofia da Educação pela Universidade Federal do Pará/UFPA. Graduado em Filosofia - Bacharelado e Licenciatura pela Universidade Federal do Pará/UFPA. Docente da Secretaria de Estado de Educação do Pará, na cadeira de Filosofia. E-mail: leliofavacho@bol.com.br

ensino superior. Todavia, o próprio docente parece ministrar sua aula sem proporcionar a possibilidade de interpretação e questionamento para caracterizar o compromisso social do fazer educativo na vida do estudante, o que se configura como um aparente isolamento da escola em relação ao caráter formativo e ao informativo. Com o processo de formação, o indivíduo pode se ler como agente transformador de seu meio, perceber o significado de sua inserção na sociedade e ressignificar sua visão de mundo nesse contexto. No ensino médio argentino, segundo Obiols, apesar de determinadas conquistas, tem se visto constantemente o ensino de Filosofia ser exercido como “conversa de botequim, em que cada um dá sua opinião a partir de seu leal saber e entender” (OBIOLS, 2003, p. 124).

1.1 Breve histórico do autor e sua inserção filosófica

Guillermo Obiols nasceu em 24 de maio de 1950, em La Plata, cidade argentina. Durante vários anos, atuou na docência de Filosofia, principalmente, na cadeira de Prática de Ensino na Universidade de Buenos Aires. Inúmeras gerações nasceram de suas “mãos habilidosas” no preparo da formação em Filosofia, combinando sua experiência docente com a literatura especializada nos pressupostos filosóficos, pedagógicos e didáticos. Seus livros discorrem sobre uma substancial reflexão, oriunda de sua vasta experiência docente. Ele teorizou os pressupostos do ensino de Filosofia, objetivando formular um paradigma conceitual que pudesse servir de apoio aos docentes da disciplina reflexiva. Obiols faleceu na cidade de Buenos Aires – Argentina - em sete de junho de 2002, aos 52 anos.

Nas análises de Obiols, na Argentina, o percurso dos estudos de Filosofia remete ao tempo colonial, quando a disciplina reflexiva fazia parte do Ensino Superior. Ficava na responsabilidade do Ensino Superior a base intelectual das representações dirigentes da então sociedade colonial daquele país. Assim como foi no Brasil, a Igreja Católica exerceu uma influência determinante na formação intelectual dessa casta, baseando os fundamentos dessa educação na Filosofia de São Tomás de Aquino e de Aristóteles.

De acordo com as análises de Obiols (2003), em meados de 1810, o quadro assinalado acima começou a mudar, devido às novas concepções vindas da Europa, carregadas da chamada Filosofia da ilustração. A Filosofia francesa de Rousseau, Voltaire, Montesquieu e de outros começou a ser difundida naquele contexto e houve uma ascendência do romanticismo e do historicismo. Na Argentina do Século XX, as concepções filosóficas permanecem impregnadas da fundamentação europeia em seus

pressupostos, mas com um viés pragmático e político que pensa sobre os assuntos nacionais e latino-americanos.

Conforme Obiols (2003), como objeto de ensino da Escola secundária argentina, a Filosofia caiu em duas crises. Uma remonta ao seu *status quo*, num país onde a sociedade é tecnocientífica; a outra consiste no sofrimento da Escola como instituição, por conta de uma demorada crise, que não acontece apenas na educação argentina. Vale ressaltar que a comodidade do tradicionalismo e do conservadorismo institucionalizado pode propagar um progresso social que inviabilize a leitura concreta da realidade pelo educando.

Em relação aos aspectos da finalidade, dos pressupostos e da metodologia, o ensino da disciplina reflexiva caracterizou-se por um princípio baseado na ideia tradicional, já que era imperativo que se compreendessem determinados conteúdos e ideias clássicas da Filosofia. Modernamente, a nova maneira de ensinar Filosofia – o “ensinar a pensar” – traz a potencialidade de fazer o indivíduo ressignificar os pressupostos filosóficos através do ensino baseado em leituras e interpretações de textos e temas filosóficos.

2 FILOSOFAR A PARTIR DA PRÓPRIA FILOSOFIA

No ensino básico argentino, segundo Obiols, houve uma “[...] deterioração da escola secundária clássica [...]” (OBIOLS, 2002, p. 66), que colocou o ensino tradicional de Filosofia em crise. Já na década de sessenta, a disciplina reflexiva estava na grade tradicional do ensino médio, e a Filosofia pertencia ao rol de disciplinas que compunham o currículo escolar, como uma disciplina autônoma no currículo. Obiols entende que o ensino de Filosofia tem que acontecer contemplando o filosofar e ser construído na própria Filosofia.

[...] A ‘aprendizagem filosófica’ não pode deixar de ser integral, não pode deixar de incluir os textos, os conceitos, as teorias filosóficas e a Filosofia, não menos que os procedimentos e as atitudes que se encontram naqueles e nesta [...] (OBIOLS, 2002, p. 86, grifo do autor).

Obiols (2002) enuncia que se deve filosofar a partir da própria Filosofia, com o que concordaria Immanuel Kant, em sua “Crítica da Razão Pura”, em que ele afirma

que não se pode ensinar Filosofia, mas sim, ensinar a filosofar. No pensamento de Kant, a Filosofia é um conhecimento inconcluso, ou seja, em constante movimento e sempre aberto. Para nosso autor, “[...] nunca se realizou uma obra filosófica que fosse duradoura em todas as suas partes. Por isso não se pode em absoluto aprender Filosofia, porque ela ainda não existe [...]” (KANT, 1983, p. 407).

Da ação de filosofar, que se constitui como um teor crítico da reflexão dos sistemas filosóficos, no exercício do pensamento racional, nos princípios já existentes, Kant quer sustentar a autonomia da razão pura na fluência de sua interpretação. Obiols, comentando Kant, observa que, para aprender a filosofar, é necessário “[...] exercitar o talento da razão, fazendo-a seguir seus princípios universais em certas tentativas filosóficas já existentes, mas sempre reservando à razão o direito de investigar aqueles princípios até mesmo em suas fontes, confirmando-os ou rejeitando-os [...]” (OBIOLS, 2002, p. 77). De acordo com Kant e Obiols, não se pode separar o ato de filosofar da própria Filosofia, pois o seguro exercício da ação do pensar só acontece quando a razão se ancora aos sistemas filosóficos para refletir as observações. Para Obiols (2002, p. 77),

[...] aprender a filosofar só pode ser feito estabelecendo um diálogo crítico com a Filosofia. Do que resulta que se aprende a filosofar aprendendo Filosofia de um modo crítico, quer dizer, que o desenvolvimento dos talentos filosóficos de cada um se realiza pondo-os à prova na atividade de compreender e criticar com a maior seriedade a Filosofia do passado ou do presente [...]. Kant não é um formalista que preconiza que se deve aprender um método no vazio ou uma forma sem conteúdo; tampouco se segue que Kant tivesse avalizado a idéia de que é necessário lançar-se a filosofar sem mais nem muito menos a idéia de que os estudantes deveriam ser impulsionados a 'pensar por si mesmos', sem necessidade de se esforçar na compreensão crítica da Filosofia, de seus conceitos, de seus problemas, de suas teorias etc. (OBIOLS, 2002, p. 77).

Da compreensão em que Kant afirmaria a “autonomia da razão já filosofando”, objeta-se o modelo de Hegel, em que ele assevera que, quando se tem o conhecimento dos pressupostos da Filosofia, está-se no exercício da aprendizagem do filosofar e, ao mesmo tempo, filosofando. Isso quer dizer que, apreendendo os pressupostos de um, já se exercita o outro. Para Gallo; Kohan (2000, p. 184), “[...] a própria prática da Filosofia leva consigo o seu produto e não é possível fazer Filosofia sem filosofar, nem filosofar

sem fazer Filosofia (...) porque a Filosofia não é um sistema acabado nem o filosofar apenas a investigação dos princípios universais propostos pelos filósofos [...]”.

Do encontro percebido por Obiols sobre as concepções de Kant e de Hegel a respeito da compreensão do ensino de Filosofia, ele abstrai o que denomina de “superação de uma falsa contradição” e parece passar a ideia de que é impossível fazer Filosofia sem filosofar. Quando Obiols reflete sobre a dualidade Filosofia/filosofar, a partir das inferências de Kant e de Hegel sobre o tema, ele suplanta a clássica contradição, ou seja, fazer filosofia sem filosofar. Isso confirma a ideia de que fazer filosofia e não filosofar não se sustenta. O próprio Obiols (2002, p. 81-82) esclarece melhor essa assertiva:

[...] se colocamos Kant um passo à direita e aceitamos que no aprender a filosofar está incluída implicitamente a aprendizagem da Filosofia e, se colocamos Hegel um passo à esquerda e admitimos que a Filosofia que se deve aprender significa necessariamente aprender a filosofar, superamos uma falsa contradição e podemos afirmar que a aprendizagem filosófica é como uma moeda que tem, em uma face, a Filosofia, e na outra, o filosofar. Talvez a ênfase em uma ou outra face possa depender da circunstância histórica que nos toque viver. Se, em certo momento, reagimos contra o academicismo que em nome da Filosofia, da rigurosidade do conteúdo e dos textos “sagrados” inibe a expressão do pensamento próprio, provavelmente possamos nos aferrar a defender, com justiça nas circunstâncias assinaladas, a proposta de aprender a filosofar. Se, ao contrário, em outro marco, por predomínio de uma pedagogia formalista ou da simples demagogia, nos sentimos fartos de que em nome do aprender a filosofar este se esvazie de conteúdo filosófico, é provável que nossa reação adquira um sentido contrário ao anterior. Definitivamente, a opção seria, fundamentalmente, uma questão de tipo político [...] (OBIOLS, 2002, p. 81-82).

A Filosofia é, propositalmente, radical, e como do nada, obviamente, nada vem. Para se chegar ao rigor filosófico, é preciso apreender os pressupostos desse rigor. Isso significa que o exercício filosófico deve ser ensinado, e um bom caminho para isso é a própria prática, pois a Filosofia não surgiu do nada nos seres humanos. Nos currículos, a filosófica deve ter sua prática pelo exercício de filosofias de textos fontes. Seria uma temeridade começar um exercício filosófico sem um caminho a percorrer, pois os textos filosóficos são necessários para exercitar o pensar filosófico, isto é, a consequente chegada à produção filosófica. Hegel (apud OBIOLS, 2002, p. 78) assevera que

[...] é especialmente necessário que a Filosofia se converta em uma atividade séria. Para todas as ciências, artes, atitudes e ofícios, vale a convicção de que sua posse requer múltiplos esforços de aprendizagem e de prática. Diferentemente, no que se refere à Filosofia, parece imperar o pré-juízo de que, se para poder fazer sapatos não basta possuir olhos ou dedos e em dispor de couro e ferramentas, por outro lado, qualquer um pode filosofar diretamente e formular juízos acerca da Filosofia, porque possui em sua razão natural a guia necessária para isso, como se em seu pé não possuísse também a guia natural para o sapato.

2.1 Filosofar ou ensinar Filosofia?

Parece que os pressupostos do exercício do pensamento que levam ao aparecimento da Filosofia, isto é, a própria Filosofia e o filosofar, são duas coisas distintas. Normalmente, não se tem o cuidado com a escolha do texto filosófico, ou seja, no que diz respeito a quê? E como fazer o exercício filosófico por meio deles? Mas Kant (1983, p.407) nos alerta que “[...] nunca se realizou uma obra filosófica que fosse duradoura em todas as suas partes. Por isso não se pode em absoluto aprender Filosofia, porque ela ainda não existe [...]” (KANT, 1983, p. 407).

Assim, pensemos a respeito da suposta divisão que haveria entre Filosofia e filosofar. No exercício da docência de Filosofia, o professor ministra aulas de Filosofia ou de filosofar? Em que consistiria tal diferença, se é que ela existe? “[...] Só é possível aprender a filosofar [...] fazendo-a seguir seus princípios universais em certas tentativas filosóficas já existentes, mas sempre reservando à razão o direito de investigar aqueles princípios até mesmo em suas fontes, confirmando-os ou rejeitando-os [...]” (KANT, 1983, p. 407). No pensamento de Kant, a Filosofia é um conhecimento em constante devir, isto é, está em movimento constante, aberto e se reexaminando, motivo pelo qual esse conhecimento não pode ser apreendido e, muito menos, ensinado.

Com a ajuda das argumentações de Kant e de Hegel, Obiols chega a um posicionamento sobre a relação entre Filosofia e filosofar. Há uma percepção de que a “autonomia da razão filosofante” (GALLO; KOHAN, 2000, p. 184) no pensamento de Kant contradiz, em via de regra, o argumento hegeliano. Para Gallo; Kohan (2000, p.184), “[...] a própria prática da Filosofia leva consigo o seu produto e não é possível fazer Filosofia sem filosofar, nem filosofar sem fazer Filosofia [...] porque a Filosofia não é um sistema acabado nem o filosofar apenas a investigação dos princípios universais propostos pelos filósofos [...]”. Diante disso, quando se tem o conhecimento

sobre o teor dos pressupostos filosóficos, além de estar aprendendo a filosofar se está filosofando.

A semelhança descoberta por Obiols entre o pensamento de Kant e o de Hegel sobre a impossibilidade de se fazer Filosofia sem filosofar e, tampouco, de filosofar sem fazer Filosofia, foi denominada por ele de “superação de uma falsa contradição”. Seria uma temeridade estudar os textos filosóficos e não gerar em si a própria concepção da significação do mundo cultural em que se vive e dos sentidos dessa significação. “[...] A forma filosófica de conhecimento se apresenta como a busca ilimitada de mais sentido, de mais significação. Transforma-se, então, a Filosofia num esforço do espírito com vistas a dar conta da significação de todos os aspectos da realidade [...]” (SEVERINO, 2008, p. 23-24).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas análises de Obiols, o modelo tradicional de ensinar Filosofia baseia-se na apropriação e na apreensão dos pressupostos conceituais, fundamentadas na aula expositiva e em anotações do aluno, com verificação dos conteúdos apreendidos através de processo avaliativo traduzidos em provas escritas. A nova maneira de ensinar Filosofia – o “ensinar a pensar” – contempla a integralidade dos pressupostos filosóficos, pois é impossível filosofar sem as ferramentas da Filosofia, aplicada em situações-problemas do cotidiano.

É necessário compreender os pressupostos basilares do ensino de Filosofia traduzidos em seu caráter informativo e formativo. O primeiro entende que o discente precisa ter o compromisso de procurar apreender as concepções, as problemáticas e os pressupostos teóricos, com o objetivo de chegar a um expressivo desenvolvimento histórico. A segunda objetiva aperfeiçoar as aptidões e as habilidades, percebidas como “pensamento crítico” no indivíduo. As duas características devem atuar unidas, num só “corpo”, e exercer a finalidade de filosofar a partir dos conceitos da própria Filosofia.

No exercício da ação de pensar, a criatura humana vive sua historicidade e, em cada arquitetura da vida, abre a possibilidade de se recriarem os conceitos que envolvem a vida em várias dimensões. Se a Filosofia consiste no questionamento que impulsiona o homem a pensar sobre si mesmo, os conceitos que envolvem esse questionamento estão sempre sendo reinventados. De alguma forma e intensidade, a historicidade do

homem perpassa a busca dos sentidos e significados da vida, muitas vezes, de forma desordenada, mas sempre com a possibilidade de vivenciar a experiência filosófica.

ABSTRACT

This article reports on the assumptions that guide and influence the teaching and learning of Philosophy in the thought of Guillermo Obiols. The author notes that the teaching of Philosophy should consider the completeness of its theories, its assumptions, since it is impossible to philosophize without the tools of philosophy. Class method should follow the characteristics of the construction of the philosophical form of knowledge by means of themes that generate questions. The exercise of epistemic practice in the teaching of philosophy is necessary when contemplating the contents established in the curriculum. In conclusion, it is perceived that it is important not only to understand the assumptions of philosophical texts but also to reinvent them on the basic understanding of their teaching - the informative and formative character by means of their own concepts.

Keywords: Guillermo Obiols. Teaching. Training. Philosophy.

REFERÊNCIAS

GALLO, S.; KOHAN, W. O. Crítica de alguns lugares-comuns ao se pensar a Filosofia no ensino médio. In: GALLO S. e KOHAN W. O. (Org.). **Filosofia no Ensino Médio**. Petrópolis: Vozes, 2000.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. 2. ed. São Paulo: Abril, 1983. (Coleção “Os Pensadores”).

OBIOLS, Guillermo A. O ensino de Filosofia na Argentina: apresentação, problemas e perspectivas. In: GALLO, Sílvio; CORNELLI, Gabriele; DANELON, Márcio. (Orgs.). **Filosofia do ensino de Filosofia**. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **Uma introdução ao ensino de Filosofia**. Ijuí: Unijuí, 2002.

SEVERINO, Antônio J. O ensino da Filosofia: historicidade do conhecimento e construtividade da aprendizagem. In: GALLO, Sílvio; CORNELLI, Gabriele; DANELON, Márcio (Orgs.). **Filosofia do ensino da Filosofia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.